

MÚLTIPLAS ESCRITAS DA HISTÓRIA: IMPLICAÇÕES DAS DIFERENTES FORMAS DE REPRESENTAÇÃO HISTÓRICA

Rodrigo Gomes de Araujo¹

Tairon Villi²

Desde as últimas décadas do século XX, a dimensão escrita da historiografia tem sido objeto da atenção acadêmica. Ainda que não seja uma novidade, nos últimos anos houve uma intensificação das pesquisas sobre os processos de narração histórica e suas implicações político-ideológicas.

A partir da década de 1970, vários historiadores passaram a questionar a objetividade da historiografia, discutindo-a como um conhecimento parcial, subjetivo e determinado por diversos modelos socioculturais (CHARTIER, 2009). Também surgiram abordagens a partir dos estudos literários que evidenciaram inúmeras determinações sociais implicadas no processo de escrita. E cabe destacar que esses questionamentos não se restringiram à historiografia e à literatura, outras áreas, como o cinema, também apresentaram produções e análises discutindo o assunto. Esse panorama está associado ao giro linguístico posterior aos anos de 1960 (RORTY, 1992), em que se passou a interpretar que qualquer forma de representação é insuficiente para abarcar as múltiplas facetas das sociedades.

Atualmente, muitas noções usadas até o final do século passado parecem ter perdido a sua funcionalidade. Entre elas, as ideias de ficção e não ficção cruzaram suas fronteiras conceituais (GARRAMUÑO, 2014, LUDMER, 2007). E, se por um lado, a produção artística se apresenta como representação social, plena de intencionalidades, atuando em construções políticas e ideológicas (RANCIÈRE, 2009). Por outro, a escrita

¹Doutorando em Historiografia pela Universidad Autónoma Metropolitana (UAM-A, México), com mestrado e graduação em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Email: rodrigo.ufprnec@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1420000308882220>.

²Doutorando e mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), na linha de pesquisa Arte, Memória e Narrativa; especialista em História Cultural com ênfase em Antropologia pelas Faculdades Integradas Espírita; bacharel em História, Memória e Imagem pela UFPR. Email: tairon.villi@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1935436463478676>.

historiográfica reconhece ser uma forma discursiva que compartilha os recursos narrativos de distintas formas de arte, como a literatura e o cinema.

Ao propor abordar as interações presentes no cruzamento entre história, arte e sociedade a partir da análise das representações, que tanto atravessam quanto unem essas três dimensões, nosso objetivo com este dossiê foi discutir a narrativa em um sentido amplo, superando a dicotomia entre o ficcional e o historiográfico, e refletir sobre as representações históricas em suas variadas formas de atuação na sociedade.

Entre os historiadores, a ideia de representação se tornou popular com um texto célebre publicado por Roger Chartier em 1989 (CHARTIER, 2002). O historiador francês propunha que representar era construir uma imagem de determinado objeto para torná-lo presente, sem que essa representação correspondesse ao objeto em si, se aproximava a um tipo de substituição imperfeita. Esta concepção tem sérias implicações para a historiografia, sobretudo em uma disciplina ainda pautada no pensamento oitocentista e que tem a pretensão de escrever a história “tal como realmente aconteceu”. Conseqüentemente, o que entra em foco é o próprio conceito de “realidade”, ou melhor, de suas representações.

A realidade existe, não se pode negar, nem mesmo uma crítica das mais acirradas seria tão ingênua. Mas a partir da ideia de que a realidade é construída, é possível questionar até que ponto essa elaboração corresponde ao que “realmente aconteceu”. Então é justamente essa construção que devemos enfatizar, a realidade em si se multiplica, a depender de quem a observa, e esta interpretação é formada a partir das experiências sociais compartilhadas pelo sujeito observador com sua comunidade (SCHMIDT, 1997, pp. 214-215).

Em 1961, quase três décadas antes que Chartier apresentasse seu texto aos historiadores, o psicólogo social Serge Moscovici enfatizou que qualquer representação é composta por duas dimensões inseparáveis, uma cognitiva e a outra social (MOSCOVICI, 2000). Isso tornou possível o desenvolvimento da noção de representação como uma teoria específica na qual as formas de pensar e observar, sejam individuais ou coletivas, têm implicações sociais, da mesma forma que o social é parte fundamental da construção de visões de mundo, formando um ciclo de formação do conhecimento.

Desde Moscovici, muito mais que um tipo de substituição imperfeita, as representações são interpretadas como filtros com que cada observador constrói a própria realidade, numa dinâmica em que o saber coletivo é socialmente elaborado e compartilhado como conhecimento prático para entender e se apropriar do mundo. Nessa

espécie de acordo inconsciente dos grupos humanos, o sistema de representação gera a fantasia de que a observação é a própria realidade.

Podemos partir desta proposta, então, para definir os processos de observação e construção de cada conjuntura, definida historicamente no tempo e no espaço. No caso dos artigos deste dossiê, cinema, literatura e historiografia antes de serem entendidas como elaborações individuais, são interpretadas como construções situadas dentro contextos específicos, com diferentes sistemas de representações para poder observar e apresentar seu tipo específico de realidade.

Nesse sentido, Daniel Vecchio Alves, no artigo *Refigurações, contiguidades e segredos: as múltiplas faces histórico-ficcionais de Colombo*, analisa os intercambiamentos entre a história e a literatura - compreendida como ficcional - nas construções da personagem de Cristóvão Colombo. O autor dá atenção especial para os romances históricos, ou ainda, as narrativas de extração histórica, e a maneira como isso impacta numa compreensão mais estritamente histórica, por assim dizer, dos feitos e viagens do explorador genovês.

Já Rosenilson da Silva Santos, em *Darnton, Benedict e Levi em desacordo e a grande discussão em torno d'O Grande Massacre de Gatos*, investiga a recepção e o impacto do famoso livro Robert Darnton, tanto entre o público não-especializado, quanto entre os historiadores. Santos traz ainda o debate gerado por esse livro a partir das considerações e críticas realizadas por Philip Benedict e Giovanni Levi na revista italiana *Quaderni Storici*.

“*Casa-Grande de Detenção da Cultura*”: *Dissensões entre Jomard Muniz de Britto e Gilberto Freyre, no Recife de 1960-1970*, de Iago Talys Silva Luz e Fábio Leonardo Castelo Branco Brito, discute a produção de uma contracultura no Recife, durante a década 1960, através de parte das produções e críticas produzidas por Jomard Muniz de Britto, especialmente dirigidas à Gilberto Freyre, tomadas como representações de um debate cultural vigente na cidade.

Marcella de Sá Brandão analisa o contexto histórico-cultural de Madre Teresa de Jesus e como isso influenciou na obra *Castillo Interior, o las Moradas*. Brandão estuda ainda aspectos no campo semântico desta publicação orientada a partir da perspectiva teórica sobre o dom, de Marcel Mauss, no artigo *Teresa de Jesus e o seu Castillo Interior: campo semântico, alegorias e escrita feminina na Espanha da primeira modernidade*.

E por fim, em *A escrita fílmica de um município paraense: a voz da experiência como retorno ao passado em “Do que sinto saudade” de Edivaldo Moura*, Matheus de Sousa Oliveira aborda os conceitos de memória e representação. A partir da análise do

contexto histórico e social da película e do cotejo com outros trabalhos do cineasta, Oliveira discute as elaborações de passado a partir das reivindicações do presente.

Considerando que atualmente a historiografia se reconhece como uma forma discursiva que compartilha os recursos narrativos de distintas formas de arte, como a literatura e o cinema, justificam-se os trabalhos apresentados neste dossiê. Em conjunto, os artigos aqui presentes demonstram a multiplicidade de modos com que podemos nos relacionar com o passado e escrever sobre ele, equiparando esses modelos e plataformas que, ainda que utilizam recursos e métodos diferentes - o que, afinal está relacionado com sua produção e a maneira em que são recebidas pela sociedade -, carregam consigo a potência de ampliar os espaços de debate e de compreensão da história, produzindo, assim, uma disciplina tanto mais crítica quanto plural.

Referências

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHARTIER, Roger, “O mundo como representação”. In: *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 61-79, 2002.

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

LUDMER, Josefina. Literaturas postautónomas. *Ciberletras. Revista de Crítica Literaria y de Cultura*, n. 17, jul. 2007.

MOSCOVICI, Serge. *Social Representations*. Explorations in Social Psychology. Cambridge, UK: Polity Press, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. *El reparto de lo sensible*. Estética y política. Santiago: LOM Ediciones, 2009.

RORTY, Richard (ed.). *The Linguistic Turn: essays in Philosophical Method with two retrospective essays*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

SCHMIDT, Siegfried J. “La auténtica ficción es que la realidad existe. Modelo constructivista de la realidad, la ficción y la literatura”. In: GARRIDO DOMINGUÉZ, Antonio (comp.). *Teorías de la ficción literaria*. España: Arco Libros, p. 207-238, 1997.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1971.

WHITE, Hayden. *Meta-história: A imaginação Histórica do Século XIX*. São Paulo: Editora da USP, 1995.